

Fundação Cultural Badesc

IMPOSSIBILIAS: ARQUIVO E MEMÓRIA EM PAULO GAÍAD

Le Monde

EXPOSIÇÃO

Impossibilia é uma palavra latina que equivale à *adynata* em grego, está associada a uma figura de linguagem que afirma a impossibilidade de um feito, através da relação com outro evento, absolutamente inverificável. Constituído-se como um recurso onde o implausível se torna possível por meio da articulação entre duas proposições incompatíveis ou contraditórias, faz com que o insuspeito, o improvável e o inesperado se encontrem e produzam uma abertura para infinitas combinações.

Conjugando passado e presente, ou seja, o irretornável do vivido e a atualidade do artista, memória e obra se articulam, não através de uma sequência cronológica ou evolutiva, mas de um conjunto de procedimentos ondulares- modulares que fazem com que imagens e formas, inquietações e procedimentos vão e voltem recorrentemente.

Considerando o arquivo como uma instância inextensa e incorpórea do pensamento que compõe um corpus de imagens, falas e textos, o artista tanto se utiliza de um campo de armazenamentos e experimentações, como se constitui nele, situando-se entre a herança e o esquecimento, até que suas ordenações e reencontros tornem reconhecíveis as coisas aglomeradas em vizinhanças díspares ou súbitas e situações justapostas ou sobrepostas.

As obras apresentadas nesta exposição compreendem diferentes momentos que vão desde o início de sua carreira nos anos 80 até trabalhos mais recentes. Sua produção vasta e variada é serial, mas inúmeras imagens, matérias e procedimentos são modulares, ou seja, tornam-se recorrentes e constantemente rearranjados. Não há aqui séries completas, mas trabalhos exemplares, onde é possível observar três temas recorrentes: **carne** (materialidade corporal), **passagem** (reflexão plástica sobre espaço, lugares, paisagens, viagens), **cifra** (pequenos segredos biográficos colhidos de diferentes universos e contingências). Importante destacar que muitas vezes estes temas estão embaralhados, disfarçados ou simplesmente recombina-

Hall de acesso

1 - Menino azul, Sobre lugares e gente (1,40x1,40m)

Sala 1

2 - A porta do inferno II (2,00x1,40m)

3 - Fragmentos de um noturno (móvel e partituras: 0,35x1,60m e 6x 0,36x0,50m)

Escada

4 - A porta do purgatório (3,00x1,60m)

CARNE (Espaço Fernando Beck)

Refere-se ao que pertence ao corpo e à matéria, compreendida como estrutura física figurada no tempo e no espaço como uma parte que pulsa e vibra, atrai e repele, salta e abisma, em limiares e amplitudes distintas. Sendo abrigo singular que acolhe a alma e o espírito, murmura e presentifica acidentes, experiências e alterações, pode acolher, compor e recompor tanto o jubiloso, como o martirizado, contorcido, arranhado, perfurado, quebrado, fragmentado, anônimo, travestido, saqueado, expurgado, violado, devassado. Constituindo-se como um composto sujeito a produzir memória e deixar vestígios, é sempre e ainda potência e rastro, presença e ausência.

Sala 2

5 - Paraíso (4 com 76x0,76m e 18 com 0,40x0,40m)

6 - De mãos e pés atados (1,00x1,50m)

7 - Sarah (0,70x0,50m)

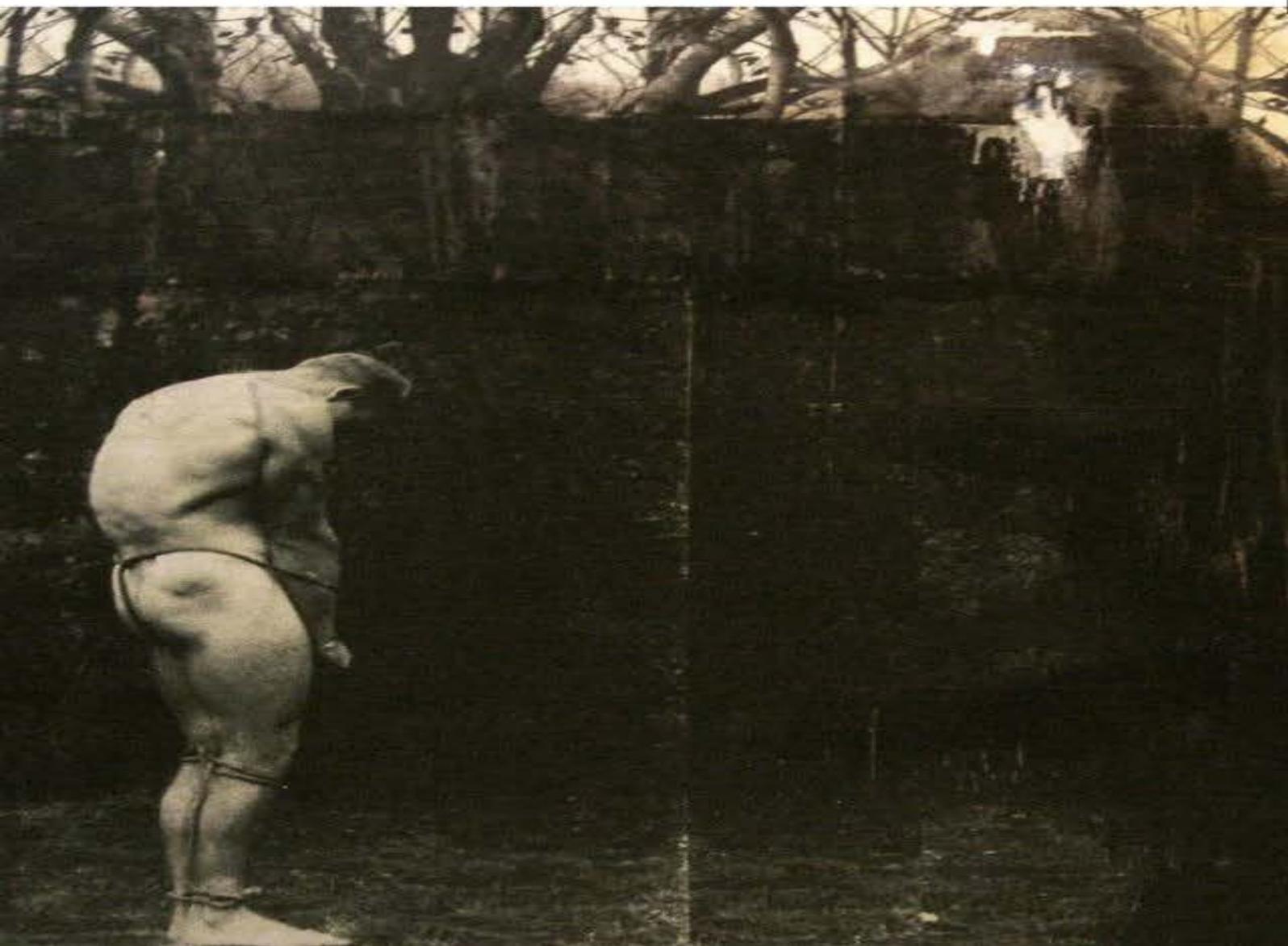
8 - Cruz de Corme (1,20x1,50m)

9 - A porta do paraíso (3,00x1,60m)

10 - Estudos preparatórios | Inferno I e II (1,00x0,80cm)

11 - Cicatrizes

12 - Receptáculos da memória





PASSAGEM (Espaço Fernando Beck)

Trata-se de uma abordagem sobre lugares em que esteve (viagem inicial à ilha do Campeche, residências artísticas em Berlim, Amsterdam, Delft, Croácia, Eslovênia, Macedônia, Patagônia, Verdes, Buño, Stutgard, Corme, Roulin) que não quer ser relato nem registro de viagem, mas consiste numa espécie de decantação, ou seja, aquilo que impregna na memória, insiste como retorno e persiste antes do esquecimento ou abandono definitivo. Muitas vezes são necessários meses ou anos entre a experiência estética e a materialização do processo plástico. Assim, estilhaçado, esquadrinhado, colado, depurado, eclipsado ou destacado, o espaço não desponta como uma exterioridade reapresentada, mas como uma intensidade residual com força onírica que vive no interior da obra e só a ela pertence.

Sala 3

13 - O céu de Delft (2,00x 1,40m)

14 - Galícia (6 x 0,30x0,50 + 1 x 1,00x1,20)

15 - Patagônia (2,00x2,00m)

16 - Impressões (5x 0,26x0,34 cm)

17 - Correspondências póstumas (2x 1,20x1,00m, tela peq. 5 x 0,36x0,50m)

18 - Macedônia (1,30x1,80m)

CIFRA (Espaço 2)

Observa-se os trabalhos que nascem como montante de uma operação e dão a ver algo que nada revela, mas também não se apresenta como segredo, situadas entre o recôndito e o reconhecível. A dor que sofre um processo de metamorfose, deslocando os limites do dizer e ver, embaralhando o registro visual e a escritura; fotografias de anônimos, cujos destinos perdidos alcançam outra instância poética; a partitura de uma música composta por um amigo ou os lençóis colhidos entre os vizinhos, os objetos e dados recolhidos na forma de convocatórias. Eis as obras dotadas de uma qualidade esconsa, na sua condição de coeficiente, para onde incidem os esforços e sofrimentos, satisfações e recusas, escolhas e premeditações que pertencem ao arquivo imagético e afetivo do artista.

Hall Espaço 2

19 - Atestado da Loucura Necessária (1,40x2,00m e 2,00x1,40m)

Sala 4

20- Purgatório (20 x 0,36x0,50m)

21 - Relato de uma viagem não realizada (1,65x2,20m)

22 - O desenho das sombras (0,43x1,20m e 0,55x0,80m)

Sala 5

23- Atestado da Loucura Necessária (Vídeo)

24 - "A Divina Comédia" e "Paraíso, Under The Blue Velvet" (Videos)



SOBRE O ARTISTA

Paulo Gaiad (1953, Piracicaba, São Paulo) vive e trabalha em Florianópolis desde 1981. É um artista que utiliza diversos materiais e procedimentos, combinando constantemente os registros do visual e do dizível, a partir do lance biográfico. Pode-se dizer que seus objetos, desenhos, colagens e pinturas se misturam, combinando traços e palavras, rasuras e avarias, ajustes e camadas, disfarces e revelações.

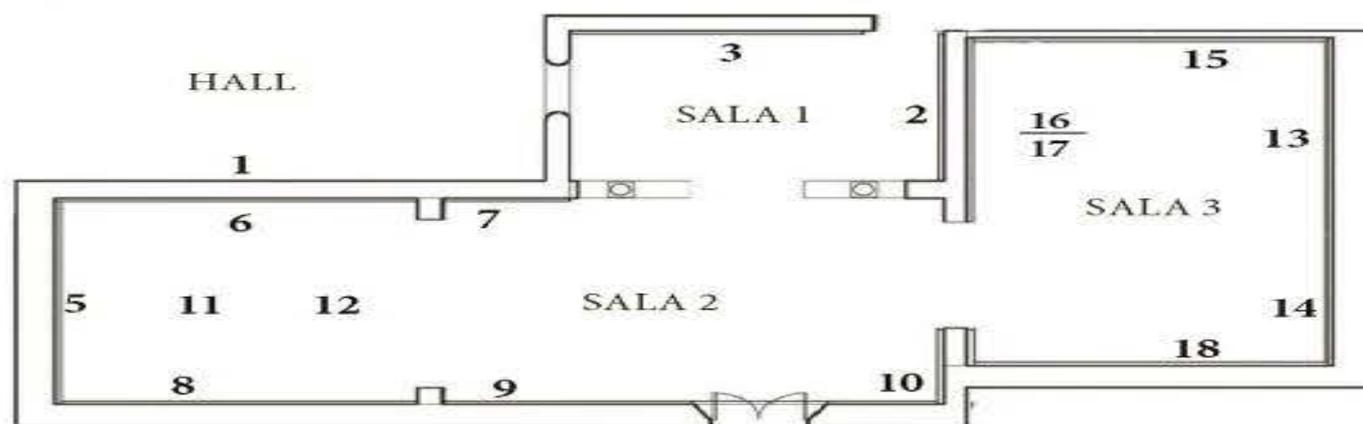
Incluindo o uso de areia e carvão, jornais e gesso, além de fotos de diferentes naturezas, seus trabalhos acolhem o efeito produzido pelos lixamentos e arranhões, oxidações, rachaduras e rasgos. A clave do vivido serve como manancial incessantemente revisitado e estoque movente com força de consignação poética, através do qual constitui seu repertório, travando uma luta contra o esquecimento e produzindo reverberações para novos trabalhos. Desconhecendo limites e regras, os rearranjos e reelaborações preponderam de diferentes modos, sendo que podem comparecer tanto os arrependimentos e fracassos, como as perdas e imperfeições.

Importante detalhe do seu gesto artístico, os resíduos daquilo que um dia viveu se tornam uma espécie de arsenal constantemente burilado e alterado, configurando-se em trabalhos que guardam vestígios do desmesurado, do impreciso e do inclassificável, confirmados tanto na fatura (nunca é simples delimitar o que é desenho, pintura, fotografia...), como na temática (nunca é fácil definir o que é retrato, paisagem, cena, natureza morta...). Assim, o conjunto de sua obra se caracteriza por um fluxo onde a imagem e a linguagem se rebatem por meio de certas lembranças e apagamentos que acabam por explicitar diferentes gradações de sua subjetividade.

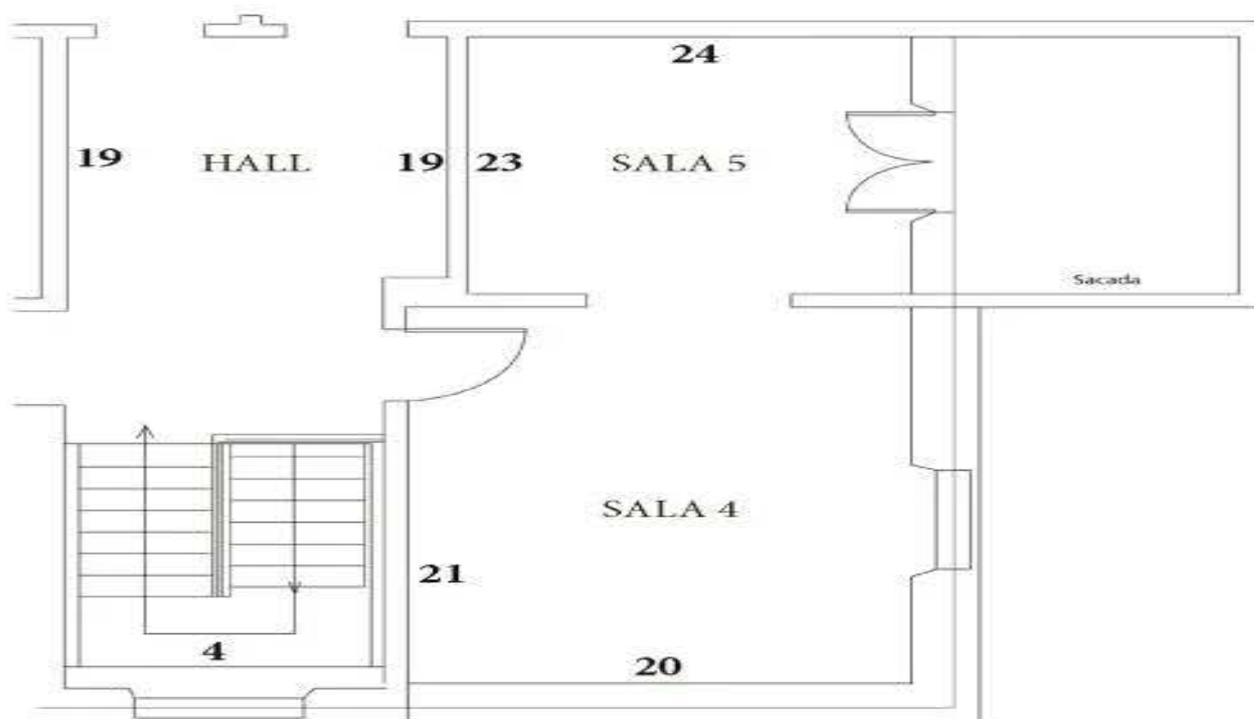


LOCALIZAÇÃO DAS OBRAS

Espaço Fernando Beck



Espaço 2



MÚSICA INCIDENTAL

Impossibilias, de Alberto Heller (2015). Composição em homenagem ao artista Paulo Gaiad.

CURADORIA DE ROSÂNGELA CHEREM

Doutora em História pela USP (1998) e Doutora em Literatura pela UFSC (2006); Profa. Associada de História e Teoria da Arte no Curso Artes Visuais e Programa de Pós-graduação em Artes Visuais no CEART- UDESC; coordenadora do Grupo de Estudos de Percepções e Sensibilidades e do Grupo Imagem-acontecimento; orienta, possui pesquisas e publicações sobre História das Sensibilidades e Percepções Modernas e Contemporâneas; atualmente desenvolve pesquisa intitulada Maneiras de arquivar, modos de experimentar, paradoxos e singularidades do gesto artístico na contemporaneidade.



“Embora não sejam feitas da mesma matéria, impossível desatar o nó que existe entre vida e obra. Trata-se de fazer da obra a parte central da vida, recolhendo e alterando todos os frutos que se espelham e confrontam sem cessar. Assim, se a vida como a obra não tem nada a ver com beleza e felicidade, mas com uma experiência única e indivisa, em ambas também prevalece a lei de um trabalho sem concessões, sem nenhum fim alhures, sejam eles o lucro, o sucesso, o êxito fácil, a crítica favorável, as benevolências. O que advém do meu processo de criação é obtido por meio de uma escuta recolhida, fiel às buscas e penhores que tangenciam os domínios do incomunicável, do escorregadio e do intransferível”.

Paulo Gaiad

FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC

Abertura em 26 de novembro de 2015,
quinta-feira, às 19h.

Visitação até 21 de janeiro de 2016,
de segunda a sexta-feira, das 12h às 19h.

Rua Visconde de Ouro Preto, 216 - Centro - Florianópolis
(48) 3224-8846 | www.fundacaoculturalbadesc.com



BADESC

Ministério da
Cultura

